

DAS EDIÇÕES CRÍTICAS E DA EDIÇÃO CRÍTICA DAS OBRAS DE ALMEIDA GARRETT

OFÉLIA PAIVA MONTEIRO*

Resumo

Embora ocupe um lugar axial no cânone da literatura portuguesa, não teve a obra de Garrett um destino editorial privilegiado. Muitos dos seus títulos são hoje de difícil acesso, poucos foram alvo de fixação textual rigorosa, alguns inéditos permanecem ignorados, andam dispersos e esquecidos na imprensa periódica oitocentista muitos e muitos dispersos seus. No desejo de colmatar essas falhas, uma equipa de investigadores, que tenho a honra de coordenar, empreendeu a edição crítica da produção integral de Garrett (assegurada pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda), cujo primeiro volume, O Arco de Sant'Ana, surgiu há pouco¹. Explicitar as razões da iniciativa e os critérios que lhe presidem é o objectivo desta breve exposição.

I – São já de aquisição difícil os dois conjuntos mais ricos de obras do Escritor “recentemente” editados:

- 1) *Obras de Almeida Garrett*, 2 vols. (papel bíblia), Porto, Lello & Irmão Editores, 1966.
- 2) *Obras Completas de Almeida Garrett*, 14 vols., Lisboa, Círculo de Leitores, 1984.

Muito úteis sem dúvida pelo acervo de textos que reúnem, estes empreendimentos editoriais não assentam infelizmente num investimento crítico significativo. Com efeito, ambos retomam, fundamentalmente, a velha e esgotadíssima edição das *Obras*

* Professora Catedrática da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

1 INCM, 2004, com fixação de texto, aparato crítico, introdução e notas de Maria Helena Santana.

Completas de Garrett, “prefaciada, revista, coordenada e dirigida” por Teófilo Braga (dada a lume em 1904, pela Empresa da História de Portugal, por ocasião dos cinquenta anos da morte do Escritor²), anexando-lhe os inéditos que o mesmo Teófilo e a mesma Empresa publicaram em 1914, sob o título de *Obras Posthumas*³ (saliente-se que a edição do Círculo de Leitores integra ainda outros inéditos de Garrett vindos entretanto a lume: o pequeno poema herói-cômico *O Roubo das Sabinas*⁴ e o drama paródico *Os Namorados Extravagantes*⁵). À dependência em que estas edições estão do trabalho pioneiro de Teófilo se deve com certeza que a ninguém seja imputada, em qualquer delas, a responsabilidade da fixação textual, com indicação dos critérios que lhe presidiram e inclusão de alguns dados sobre a “história” manuscrita e editorial de cada obra (na edição Lello, uma sumária “Nota dos Editores” refere apenas o empenho “árduo, cuidadoso e demorado” posto na vantajosa reunião em dois volumes da produção garrettiana). Necessário é dizer, porém, que o esforço levado a cabo por Teófilo, notável em virtude do levantamento que fez da história editorial de Garrett⁶, da atenção concedida à transcrição dos textos⁷, da compilação de muitos dispersos e da publicação de numerosos inéditos (acompanhados, na sua maioria, por advertências de Gomes de Amorim), não satisfaz o estudioso que deseje um conhecimento aprofundado do devir da produção garrettiana, tão revelador do percurso ideológico e estético do Escritor numa época de tão grandes mudanças sociais e culturais como foi a sua. Basta lembrar que, em relação às obras vindas mais de uma vez a lume em vida de Garrett, frequentemente com alterações notórias, Teófilo não identifica, na maioria dos casos, a edição sobre a qual estabelece o texto que apresenta (infere-se que seja a última), nem os critérios a que obedeceu a transcrição; e que omite dados importantes para o esclarecimento das circunstâncias de concepção e divulgação de

- 2 Em dois formatos: dois grandes volumes ilustrados / uma colecção de 28 pequenos volumes. Utilizarei com alguma frequência a edição em dois volumes, designada sob a sigla *O.C.*
- 3 Em dois volumes, que constituem os tomos XXIX e XXX da edição de pequeno formato mencionada na nota anterior.
- 4 Lisboa, Portugal, 1968 (texto estabelecido, prefaciado e anotado por Augusto da Costa Dias).
- 5 Sep. da *Revista de História Literária de Portugal* (vol. III, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1974), com fixação de texto e introdução de Ofélia M. Caldas Paiva Monteiro. Trata-se de uma paródia de *Os Salteadores*, de Schiller.
- 6 Na área preambular da sua edição das *Obras Completas* de Garrett, Teófilo inseriu uma “Bibliografia das Obras de Garrett” e uma “Série das edições das principais obras de Garrett”.
- 7 Graças ao cuidado de Teófilo (e, antes dele, ao de familiares e amigos de Garrett que publicaram alguns inéditos seus), a obra do Escritor sofreu pouco dos acrescentos, omissões, modificações mais ou menos extensas, que tanto atingiram as de Eça de Queirós ou de Fernando Pessoa, levadas a efeito pelos próprios que tomaram a peito a sua divulgação.

textos postumamente editados. Dois exemplos: nada nos diz sobre as diferenças que separam a primeira edição de *Dona Branca* (1826) da segunda e última (1850), cujo texto e respectivo “Prólogo”⁸ reproduz; o fragmento romanesco *Helena*, cuja colocação entre *O Arco de Sant’Ana* e as *Viagens* se entende mal (dado ser-lhes posterior e tratar-se de um texto incompleto)⁹, não vem precedido de quaisquer informações relativas ao momento provável da sua elaboração e ao facto de resultar da publicação póstuma de um manuscrito-borrão deixado inconcluso (apenas são reproduzidas duas notas que provêm da primeira edição do fragmento, feita em 1871 por Carlos Guimarães, genro do Escritor¹⁰). Acrescente-se que está longe de ser *completo* o elenco das obras de Garrett reunido por Teófilo na sua meritória edição: ficou por recolher a maior parte da obra jornalística, da oratória política e da correspondência do Escritor, e muitos inéditos seus permaneceram desconhecidos.

Outras iniciativas de publicação da obra integral de Garrett, de critérios mais exigentes, não foram levadas muito longe, sendo os volumes aparecidos de aquisição já difícil também: das *Obras Completas de Almeida Garrett*, sob a direcção de Jacinto do Prado Coelho (Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 1972-73), apenas surgiram quatro tomos da série *Teatro*: I, *Catão*; II, *Mélope*; III, *Um Auto de Gil Vicente*; IV, *Frei Luís de Sousa*); das *Obras Completas – Almeida Garrett*, publicadas pela Editorial Estampa entre 1983 e 1992, ficaram-nos oito volumes – devidos, fundamentalmente, a Augusto da Costa Dias, Maria Helena da Costa Dias e Luís Augusto da Costa Dias – que representam o projecto mais ambicioso e mais inovador de quantos a obra de Garrett suscitou, pela busca documental cuidadosa, pela criteriosa organização dos textos e pelos estudos e notas que os acompanham: I, II e III, *Romanço*, 1983; IV, *Viagens na minha Terra*, 1983 (republicação da excelente edição das *Viagens* levada a

8 Nesse “Prólogo”, datado de 1848, Garrett assinala ter feito numerosas alterações ao texto da 1ª edição do poema.

9 Na edição Lello, derivada, como ficou dito, da de Teófilo, se *Helena* surge depois das *Viagens* e de *O Arco de Sant’Ana*, desaparece lamentavelmente, sem que qualquer outra informação seja adicionada, a indicação, dada por Teófilo em subtítulo, de tratar-se de um fragmento romanesco.

10 C. Guimarães acompanhou essa edição de um “Prefácio” e de um precioso “Catálogo dos autógrafos, diplomas, documentos políticos e literários pertencentes ao Sr. Visconde de Almeida Garrett”.

11 Precedida pelo lúcido ensaio “Estilística e Dialéctica”, de Augusto da Costa Dias, esta edição é criteriosamente feita sobre a de 1846 – a primeira em volume da obra –, tomando em consideração as notas apostas por Garrett no exemplar que foi de seu uso, guardado no espólio garrettiano da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (a esta biblioteca me referirei pela sigla B.G.U.C.).

efeito por Augusto da Costa Dias em 1969, na Portugália Editora¹¹); V, *Poesias Dispersas*, 1985; VI, VII e VIII, *Obra Política* (sendo VI, *Escritos do Vintismo (1820-23)*, 1985; VII, *Doutrinação da Sociedade Liberal (1824-27)*, 1991; VIII, *Doutrinação da Sociedade Liberal (1827)*, 1992)¹².

Assinale-se complementarmente, neste relance muito elíptico da situação editorial de Garrett, que, antes do aparecimento recente de *O Arco de Sant’Ana*, com texto preparado por Maria Helena Santana, apenas *Flores sem Fruto* e *Folhas Caídas* tinham já sido alvo de edição “crítica” (num só volume) elaborada com modernos critérios ecdóticos¹³; e que das obras mais divulgadas de Garrett (sobretudo das *Viagens* e de *Frei Luís de Sousa*, que os programas escolares têm contemplado) existem edições cuidadosas (integrais ou antológicas).

II – Quase desnecessário será recordar que a edição “crítica” de uma obra visa fornecer aos estudiosos um texto rigorosamente estabelecido a partir da única versão conhecida da responsabilidade do autor (é o caso, por exemplo, do *Tratado de Educação* de Garrett, de que parece não existir manuscrito e que apenas teve, em vida do Escritor, uma edição – Londres, 1829), ou da última que saiu das suas mãos, apresentando, neste caso, em relação a esse texto, habitualmente escolhido como texto-base, as variantes que surjam em versões autênticas anteriores, quer editadas, quer manuscritas¹⁴. Uma edição assim concebida – esforço complexo e moroso, sempre destinado a um público restrito – torna-se um produtivo instrumento de trabalho linguístico, literário e cultural não só pela fiabilidade do texto oferecido, mas também pela reconstituição que eventualmente faculta do percurso genético de uma obra, de alto rendimento, muitas vezes, para a avaliação da “arte poética” e do itinerário estético ou ideológico do autor. A vasta bibliografia que vem sendo consagrada à “crítica

12 Viriam a integrar-se provavelmente neste conjunto os volumes (publicados pela Editorial Estampa) constituídos pela reedição do poema *O Roubo das Sabinas* (cf. nota 4) e por uma recolha de esparsos de Garrett, *Narrativas e Lendas* (1979); estes dois volumes e uma reedição de *Viagens na minha Terra* (cf. nota anterior), portadores de prefácios e notas de Augusto da Costa Dias, mas já ultimados por Maria Helena da Costa Dias e Luís Augusto da Costa Dias, faziam parte da colecção “Obras de Augusto da Costa Dias”.

13 *Flores sem Fruto – Folhas Caídas*, Texte établi, avec variantes, notes et introduction par R. A. Lawton (Publications de l’Université de Poitiers – Lettres et Sciences Humaines, Paris, PUF, 1975).

14 Em situações relativamente escassas, pode ser aconselhável, por motivos diversos, não tomar por texto-base de uma obra a última das suas versões publicadas em vida do autor.

textual” deixa bem sublinhadas as vantagens desta penetração na “oficina” de um escritor tantas vezes permitida pela edição crítica¹⁵.

No caso de Garrett, o trabalho ecdótico é extremamente frutuoso, mas coloca dificuldades de resolução árdua. Pertence ele de facto ao número dos autores que escrevem corrigindo-se bastante e que, relendo-se a anos de distância – no caso de prepararem uma reedição ou a revelação de inéditos antigos –, procedem a revisões que alteram, por vezes substancialmente, a fisionomia semântica e formal das versões originais¹⁶. Da consciência que Garrett tinha dessa insatisfação formal e da auto-estima que o levava a cotar bem a qualidade da sua obra e a relevância que assumira nas fulcrais mudanças ocorridas na nossa cultura na primeira metade de Oitocentos, resulta a atenção que deu, ao sentir a proximidade da morte, à reunião e organização dos seus papéis. Informa-nos Gomes de Amorim que o Escritor, sabendo da sua intenção de fazer-lhe a biografia, iniciara em 1852 (morreria em 54), pedindo-lhe auxílio, a classificação do seu espólio: “Ta proceder-se ao arranjo da correspondência, quando ele foi chamado ao ministério; e não tratou mais disso. Por ocasião da mudança para Santa Isabel, disse-me que na casa nova se concluiria a classificação definitiva, em harmonia com o método começado” – lê-se no tomo III das *Memorias Biographicas* (só publicadas em 1881-84)¹⁷. Cuidando da sua imagem futura, Garrett terá, aliás,

15 Assinalo, por exemplo: Aurelio Roncaglia, *Principi e Applicazioni di Critica Testuale*, Roma, Bulzoni, 1975; Almuth Grésillon e M. Werner, eds., *Leçons d'Écriture. Ce que Disent les Manuscrits (en Hommage à Louis Hay)*, Paris, Minard, 1985; Bernard Cerquiglini, *Éloge de la Variante. Histoire Critique de la Philologie*, Paris, Seuil, 1989; a revista quadrimestral *Critica del testo* (Viella).

16 Exemplifiquemos com Garrett: em vida do Escritor, o poema *Dona Branca* teve duas edições (1826 e 1850), que apresentam, como ficou já dito, alterações importantes; a tragédia *Catão* teve quatro edições (1822, 1830, 1839, 1844), sendo também profundas as diferenças entre a primeira e a segunda (e de ambas as obras há autógrafos, ricos em variantes); de *Mérope*, existem autógrafos, diversos entre si, datados do tempo coimbrão de Garrett, que só em 1841 deu a tragédia a lume, com profundas revisões; o mesmo sucedeu com as *Fábulas e Contos*, que o Escritor publicou em 1853 (juntamente com a 2ª ed. de *Folhas Caidas*), alterando muito os textos primitivos, quase todos datados do seu tempo de estudante, cujos manuscritos se guardam no espólio garrettiano da B.G.U.C.

17 *Mem. Biog.*, III, p. 594, nota 1. Cf. vol. I da mesma obra, p. 104, nota 1. Na citada nota do vol. III, Amorim explica que motivos poderão ter levado à desarrumação encontrada por Carlos Guimaraes, genro do Escritor, quando, decorridos dez anos sobre a sua morte, abriu a “arca” que encerrava os seus manuscritos (diz Guimaraes, na p. VII do prefácio a *Helena* – o fragmento romanesco de Garrett que deu a lume em 1871 –, não ter encontrado na dita arca “classificação alguma” dos documentos, nem nada que atestasse “que o ilustre escritor lha tivesse dado”).

destruído nesse período terminal da vida – diz-nos ainda Amorim – textos que terá julgado controversos ou comprometedores¹⁸.

A benéfica consequência destas circunstâncias é ser muito rico o espólio do Escritor (na sua maior parte reunido em Coimbra¹⁹), pedindo aos que trabalham na edição crítica em curso um trabalho ecdótico quase sempre duro. No caso de muitas obras, é avultado o número das lições a coligir e confrontar: algumas tiveram versões muito separadas no tempo – é o caso, como se viu já, de *Catão*, *Mérope*, *D. Branca* – e profundamente transformadoras; outras passaram por significativas correcções (para a edição crítica de *O Arco de Sant’Ana*, por exemplo, Maria Helena Santana procedeu ao confronto das duas edições que o romance teve em vida de Garrett, por ele revistas, e dos quatro manuscritos que lhes correspondem – dois para cada um dos dois volumes que essas edições comportaram – guardados na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra). A aumentar a complexidade destes cotejos, estão a decifração por vezes difícil dos autógrafos garrettianos (o manuscrito de *Helena*, por exemplo, tem passos verdadeiramente ilegíveis) e muitas questões filológicas que os intervenientes na edição crítica procuram resolver segundo os critérios gerais, que adiante esclarecerei, nela estabelecidos para a fixação textual. Um grande escolho a vencer representa, enfim, o voto – pretensioso com certeza – de ser tanto quanto possível *integral* esta edição da obra de Garrett: é que, se não são muitos os textos do

-
- 18 No vol. III das *Mem. Biog.*, pp.546-555, G. de Amorim refere-se ao projecto, que Garrett alimentou até à morte, de escrever a *História da Restauração Portuguesa* (também designada por vezes pelo Escritor sob o título de *Crónica de D. Pedro IV* ou *Vinte anos de história contemporânea*), dizendo que, destinados a esta obra, viu e arrumou na casa de Santa Isabel “bastantes elementos a que só faltava ligação e ordem”; acrescenta, porém, que, após a morte do Escritor, os não encontrou junto dos demais manuscritos, facto que o leva a colocar a hipótese de tais documentos lhe terem sido roubados ou de os ter destruído o próprio Garrett, recordando que, “no derradeiro mês da sua doença”, quando já se encontrava de cama, o Escritor se levantara duas vezes durante a ausência dele, Amorim, que viera encontrá-lo “ao pé do fogão, queimando papéis”, de tal forma numerosos que “da última, a cinza dos consumidos atulhava inteiramente a caixa da fornalha”. “Nesta ocasião” – continua Amorim –, “achando-o cansado e consumido, perguntei-lhe se não podia mandar proceder àquele trabalho por outra pessoa. Respondeu-me que não. Falava-me magoado, não sei se pelas tristes reflexões que o levavam a praticar o acto, se por ter lido muito e pela natureza do que lera. O esforço fora imenso”. Talvez se encontrassem, por exemplo, entre os documentos queimados, as muitas cartas femininas que recebera (entre as quais, as da Viscondessa da Luz).
- 19 O grande espólio garrettiano está efectivamente na B.G.U.C. (consulte-se o *Inventário do Espólio Literário de Garrett*, organizado por Henrique de Campos Ferreira Lima, Coimbra, Publicações da Biblioteca Geral da Universidade, 1948, portador, infelizmente, de numerosas incorrecções); também na Sala Ferreira Lima da Faculdade de Letras coimbrã (e na Biblioteca Nacional) se guardam consideráveis acervos documentais garrettianos.

Escritor que se mantêm ainda hoje inéditos²⁰, são inúmeros os que estão dispersos – e esquecidos – em publicações periódicas de vária índole do seu tempo, desde discursos políticos a ensaios e crónicas jornalísticas; e haverá ainda, muito provavelmente, textos seus a descobrir (correspondência e não só), cuja existência, a ser conhecida por alguém, bem desejável seria que fosse assinalada, como aconteceu com os recém-encontrados poemas tradicionais recolhidos por Garrett e que ele não chegou a integrar no *Romanceiro*²¹.

III – Ficou já esclarecido o critério geral que preside, na edição em curso, à escolha do texto-base de cada obra, a ser acompanhado, em rodapé, pelo aparato crítico. Na fixação textual, optou-se pela modernização ortográfica, sempre que não apague, porém, “formas que assinalam, num momento em que a grafia não estava submetida ainda a uma sistematização normativa, realizações fónicas distintas das actuais ou devidas a razões estilísticas de diversa índole”; e manteve-se a “subtil pontuação garrettiana, a não ser em casos de necessidade evidente de correcção ou de aconselhável esclarecimento da sintaxe dos textos”. A transcrição textual proposta pela edição tem, pois, “um carácter moderadamente *conservador*”, que visa facilitar a leitura “pela eliminação de marcas ortográficas oitocentistas irrelevantes” (como as consoantes duplas), mas deseja “manter a ‘cor histórica’ representativa de um certo momento da evolução da língua ou de uma preferência de Garrett, possuidor que era

20 Mantêm-se inéditos, por exemplo: boa parte do complexo ms. 127 do espólio da B.G.U.C. – *Lycen das Damas, Lições de Litteratura e de Poesia a uma jovem Senhora* –, datado de 1823 (quatro das lições que contém foram publicadas em 1827, em Lisboa, no semanário *O Chronista* – números V, VII, VIII e XXI, redigido na quase totalidade por Garrett; sobre o valioso conteúdo deste autógrafo nos domínios da teoria e da crítica Literárias, falei em *A Formação de Almeida Garrett. Experiência e Criação*, Coimbra, Centro de Estudos Românicos, 1971, 2 vols., em particular no vol. I, caps. VI e VII); alguns poemas, alguns fragmentos romanescos e alguns fragmentos dramáticos pertencentes ao mesmo espólio (citem-se, por exemplo, o fragmento romanesco *A Cruz e o Perjúrio*, que constitui o ms. 76, datado de 1849, ou os fragmentos dramáticos *Os Árabes, ou o Crime Virtuoso* – ms. 27, datado de 1821 – e *Os Illustres Viajantes*, que constitui o ms. 33, não datado, mas com certeza dos anos 40; destes e doutros textos inéditos, falei em vários trabalhos: no acima citado, em particular nos caps. VIII e XII; em “Viajando com Garrett pelo Vale de Santarém. Alguns elementos para a história inédita da novela de Carlos e Joanhina”, sep. do vol. IV das *Actas do V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros*, Coimbra, 1966; em “A peça cômica de um acto na produção dramática de Garrett (teatro, humor e sociedade”, in *Largo Mundo Alumiado. Estudos de Homenagem a Vítor Aguiar e Silva*, Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, Braga, 2004, vol. II, pp. 955-978).

21 São muito numerosos esses romances, pertencentes a particulares (Cristina, Vera e Bernardo Futscher Pereira), que deles deram notícia através da imprensa: recorde que, em Dezembro de 2004, celebrando os 150 anos

de um apuradíssimo sentido da eufonia, dos valores semântico-estilísticos das palavras, da variedade idiolectal do português do seu tempo”²². Como acontece na edição já vinda a lume de *O Arco de Sant’Ana*, todas as obras que integrarão a edição crítica serão portadoras de uma introdução que, para além de atentar nas questões ecdóticas que lhes são específicas, esclarecerá o lugar que ocupam na produção de Garrett, porá em relevo a sua tessitura formal e semântica e dará conta, quando for caso disso, do marulhar imaginativo que antecedeu a sua “consolidação” num projecto já delineado com alguma consistência.

IV – A *Edição Crítica das Obras de Almeida Garrett* dará lugar a uma colecção de cerca de trinta volumes, organizada do modo seguinte²³:

POESIA

O Retrato de Vénus – Ensaio sobre a História da Pintura (e textos da polémica)

Camões

D. Branca

Lírica de João Mínimo (e outros poemas da juventude)

Flores sem Fruto

Folhas Caídas

Produção poética deixada inédita

TEATRO

Catão

Mérope

Um Auto de Gil Vicente

O Alfageme de Santarém

da morte de Garrett, o *Diário de Notícias* publicou, em caderno autónomo, um desses romances, *A Moira Encantada*; no volume *Annualia 2005-2006*, pp. 235-239 (Lisboa, Ed. Verbo, 2006), também foi publicado um outro desses romances inéditos, no artigo, assinado por Ofélia Paiva Monteiro e Maria Helena Santana, “No aniversário da morte de Garrett. Apresentação de um inédito do *Romanceiro*”.

- 22 As citações feitas provêm do preâmbulo que assinei na edição já referida de *O Arco de Sant’Ana*, cuja “Introdução” e cujo aparato crítico (de Maria Helena Santana) podem esclarecer sobre o modo por que foram resolvidas questões de grafia ou de pontuação que se apresentaram.
- 23 Reproduzo a tabela que figura no início do volume de *O Arco de Sant’Ana*.

Frei Luís de Sousa
Filipa de Vilhena
A Sobrinha do Marquês
Tio Simplicio
Falar Verdade a Mentir
Produção dramática deixada inédita

FICÇÃO NARRATIVA

O Arco de Sant'Ana
Viagens na Minha Terra
Produção narrativa deixada inédita

ROMANCEIRO

ENSAIO

Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa
Da Educação
Portugal na Balança da Europa
Dispersos
Produção ensaística deixada inédita

DISCURSOS POLÍTICOS

PÁGINAS DE JORNALISMO

CORRESPONDÊNCIA

VARIA

Como se deduz deste plano, entendeu-se necessário estabelecer uma fronteira clara entre os textos publicados por Garrett – o que significa que os considerou em dada altura *ultimados*, embora possa tê-los submetido posteriormente a alterações – e os que ele deixou inéditos, em fases de elaboração diversas: simples esquema, fragmento escasso ou longo, texto completo (em borrão ou cópia mais ou menos limpa). A razão desta fronteira está, como é óbvio, no respeito que é sempre devido ao autor e à qualidade da sua produção: ele pode não ter tido a possibilidade de concluir uma obra, ou ter decidido manter um texto no segredo da gaveta por considerá-lo fraco, imaturo ou mero passo para bem distinta criação ulterior. Mal actuaria, pois, o editor que oferecesse ao público, sem informação adequada, o que o

autor reprovou, guardou para aproveitamentos futuros, ou não teve ocasião de terminar. Poder-se-ia até defender que não deveriam ser trazidos a lume os textos “provisórios”; a perspectiva de investigação que subjaz a uma edição crítica valoriza, porém, não só a variante que permite reconstituir o caminhar de uma obra na conquista da sua forma cristalizada, mas também os tentames inacabados ou tão-só balbuciantes, tantas vezes preciosos para o estudo do fervilhar imaginativo ou do itinerário estético-ideológico de um autor. No caso de Garrett, ele mesmo nos autoriza, aliás, a tomar em conta o acervo dos textos “im-perfeitos” do seu espólio manuscrito, dado o interesse que pôs, como foi já referido, na inventariação e arrumação dos seus papéis²⁴, com narcísica mas justa consciência do seu valor “patrimonial”. Alguns volumes da edição em curso apresentarão, assim, os textos *não publicados por Garrett*, reunidos por modos e géneros, esperando-se que o leitor ultrapasse, com a ajuda das introduções que os acompanharão, os “senões” que esta organização implica: o de colocar juntos textos de épocas e formas muito distintas (os poemas *O Roubo das Sabinas* e *Magriço*, por exemplo) e o de apartar textos similares (concebidos no mesmo período e portadores de idêntico “clima” ideológico e estilístico, como os poemas *O Roubo das Sabinas* e *O Retrato de Vénus*), pela simples razão de terem, uns, chegado à publicação e ficado, outros, sem esse aval do autor, mesmo se aparentemente conclusos²⁵.

V – Ficarão a dever-se à edição crítica muitos dados interessantes sobre o evoluir ideológico, o trabalho imaginário, o processo compositivo e o esforço estilístico escondidos sob as obras de Garrett, alargando conclusões que vários estudos (alguns

24 V. Hugo foi ao ponto, num gesto de autoconsagração, de fazer inteira doação dos seus papéis e dos seus desenhos à Biblioteca Nacional de Paris, por testamento datado de 31 de Agosto de 1881 (idêntica atitude teve, mais recentemente, um Aragon).

25 Os poemas *O Retrato de Vénus* e *O Roubo das Sabinas* – o primeiro publicado em Coimbra, em 1821, pela Imprensa da Universidade, o segundo datado de 1820, concluído, mas mantido inédito – desenvolvem ambos, em registo neoclássico, uma exaltação da natureza e do prazer de tom libertino. *Magriço*, de que só restam fragmentos (conservados na Biblioteca Nacional e publicados por Teófilo no vol. II de *Obras Posthumas*), foi concebido por Garrett ao longo do segundo exílio, entre 1828 e 1831; parente de *D. Branca*, desenvolve em verso branco temas nacionais e medievalizantes com muito anticlericalismo à mistura, praticando um estilo digressivo e ostensivas mudanças de tom, à maneira de Byron.

atrás citados²⁶) permitiram já. Exemplos? Atente-se no cap. XXXII (“Bill de indemnidade”) da recente edição de *O Arco de Sant’Ana* e, consultando o aparato crítico, veja-se o enriquecimento ideológico e humorístico que se dá na construção do romance entre a versão oferecida pelo primeiro manuscrito do segundo volume da edição original e a versão publicada: não constam do manuscrito muitas das divertidas, mas acutilantes, intrusões do autor/narrador que convocam a sua contemporaneidade a propósito das situações ficcionais (pp. 299, 302, 303, 305). O trabalho em curso (a meu cargo) destinado à edição das *Viagens* (cujo complexo manuscrito se encontra no espólio da B.G.U.C.) pôde mostrar algo já das metamorfoses também sofridas no seu crescer por essa obra inaugural: por agora, digamos apenas que ela começou por configurar-se como o simples relato, sem amplificações digressivas, de uma ida a Santarém e que da versão inicial estava ausente o jogo, de grande rendimento humorístico, criado em cada capítulo pelo sumário que o antecede²⁷. Do trabalho escondido sob a invenção verbal e a coloquialidade de Garrett, muito ficaremos a saber também: a cantante simplicidade de um poema como “Barca Bela”, de *Folhas Caídas*, é fruto de aturada aplicação, como revela o autógrafo conservado na Sala Ferreira Lima da Faculdade de Letras de Coimbra...

VI – Remato esta exposição já longa citando Torga, em passo retirado do volume XIV do *Diário*:

“Coimbra, 1 de Maio de 1984 – Auto-de-fé de todos os manuscritos antigos. Foi como se queimasse a alma: mas tinha de ser. Não quero que nenhum abutre futuro, incapaz de compreender o que custa e significa um verso, sacie a gula necrófila no lixo da inspiração. Tartamudo de nascença, só por aproximações sucessivas consigo um mínimo de clareza expressiva. Eu próprio fico aterrado quando revejo as teimosas, consecutivas e canhestras versões do mesmo texto. Chegam a confranger, de tão informes e comprometedoras. Deixar esses tacteios

26 Aos trabalhos já mencionados, acrescente-se: Ofélia Paiva Monteiro, “Exercícios de humor: os ‘Contos’ e ‘Fábulas’ em verso de Garrett”, in *Colóquio-Letras*, nº 153/154 (consagrado a Garrett), Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1999, pp. 141-168.

27 Veja-se o estudo, de Maria Teresa Nascimento, “Os sumários em *Viagens na minha Terra*, um jogo entre a contenção e a extensão”, in *Almeida Garrett – Um Romântico, um Moderno, Actas do Congresso Internacional Comemorativo do Bicentário do Nascimento do Escritor*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, Col. “Temas Portugueses”, vol. I, 2003, pp. 235-241.

à posteridade serviria apenas para tirar a força ao que agora parece evidente. O póstumo é sempre lúgubre, valha o que valer. Ora não são os meus despojos que pretendo legar aos vindouros. É o mais vivo de mim, o que não testemunhe a tortura do percurso, mas a graça da chegada.”

Se este texto pode gerar algum remorso em quem trabalha numa edição crítica, dá-lhe simultaneamente argumentos que legitimam a perscrutação rigorosa do “fazer” escondido por detrás da “obra feita”. Esquemas, esboços abandonados, multiplicadas versões, rascunhos com emendas – sinais da “tortura” da escrita – serão o “lixo da inspiração” que alguns “abutres”, incapazes de compreender “o que custa e significa um verso”, se comprazem em devassar? Não; não é por “gula necrófila” que o editor crítico ausculta a aventura da escrita; ao invés, admirando a “graça da chegada” – o cristal depurado de imperfeições –, é com emoção que sonda os veios que levaram à limpidez formal, esses “tacteios” talvez “canhestros”, mas não “lixo”, porque neles está inscrita – Torga “dixit” – a “alma” do escritor. E por isso a edição crítica ilustra a pertinência, tantas vezes modernamente denegada, da convocação do “Autor” para a questionação hermenêutica: que melhor documentação encontrar do trabalho criador da subjectividade, em diálogo com o contexto histórico e cultural? Vem a propósito lembrar uma crónica de Eça, em passo ocasionado pela publicação, em 1888, de *Toute la Lyre*, colectânea de poemas “póstumos” de V. Hugo:

“[...] de novo se discutiu se estas publicações póstumas de versos [...] aumentam realmente a glória poética de Hugo. Discussão ociosa. Decerto não aumentam a sua glória. Essa já está estabelecida e fixa, no seu máximo esplendor, com as *Contemplations*, a *Légende des Siècles* e os *Châtiments*. Mas aumentam o nosso conhecimento do poeta, revelando novos pensamentos, novas emoções ou formas diferentes no exprimir as emoções e os pensamentos que lhe eram habituais. Victor Hugo era um grande espírito que sentia e pensava em verso. Cada verso novo que nos é desvendado constitui, pois, um documento novo sobre o poeta – sobre a sua visão espiritual ou sobre o seu verbo lírico. Ora quantos mais documentos se reúnam sobre um homem de génio como Hugo, mais completo se torna o trabalho crítico sobre a sua individualidade e sobre a sua obra.”²⁸

28 *Ecos de Paris*, IV in *Obras de Eça de Queiroz*, Lello & Irmão - Editores, vol. II, p. 1139.